



**I Seminário Nacional Infância,
Juventude e os Direitos Humanos no Brasil**
Niterói (RJ, Brasil), 10 a 12 de setembro de 2025

Movimentos Sociais: A Poesia Slam Nos Espaços Educacionais Dando Visibilidade Às Vozes Marginalizadas

Social Movements: Slam Poetry in Educational Spaces Giving Visibility to Marginalized Voices

Gabriel Silveira de Sant'Anna¹

Laryssa da Motta Moreira²

Piedro Victor Garcia da Silva³

Yamim Lobo Ivanir dos Santos⁴

Eixo Temático: 4-Educação popular, pedagogia social, arte e cultura.

Introdução

Os movimentos sociais são ações coletivas que buscam justiça social, política e cultural, surgindo da indignação diante de desigualdades. Segundo Gohn, esses movimentos também são espaços educativos não formais, onde se produzem saberes e se fortalece a participação política. No Brasil, o século XX marcou o surgimento de novos movimentos, voltados a trabalhadores, mulheres, negros e LGBTQIAP+, enfrentando não só exclusões sociais, mas também políticas eugênicas voltadas ao embranquecimento da população. Os movimentos negros, especialmente a partir das décadas de 1960 e 1970, propuseram novas formas de pensar a educação e a identidade afro-brasileira. Em locais como São Gonçalo (RJ), essas lutas se expressam por meio da arte, como o hip-hop e os slams de poesia, que funcionam como formas de “aquilombamento” moderno. Esses espaços reafirmam a cultura negra, denunciam o racismo e constroem saberes críticos e libertadores.

Desenvolvimento

¹ Doutorando em Educação, processo formativos e desigualdades sociais, Mestre em História. Email: gsantanna429@gmail.com

² Mestranda em Educação, processos formativos e desigualdades sociais. Email: moreiralaryssa1999@gmail.com

³ Mestrando em Educação, processos formativos e desigualdades sociais e Professor da rede municipal de São Gonçalo. Email: garciapiedro@gmail.com

⁴ Mestranda em Educação, processos formativos e desigualdades sociais. Email: yamimlobo552@gmail.com



**I Seminário Nacional Infância,
Juventude e os Direitos Humanos no Brasil**
Niterói (RJ, Brasil), 10 a 12 de setembro de 2025

O Slam de poesia configura-se como um movimento social e pedagógico de resistência das juventudes negras periféricas, sendo uma forma de reexistência que articula a Lei 10.639/03, arte, oralidade e identidade. Enraizado nas tradições orais africanas e nas vivências urbanas, o slam emerge como ferramenta de denúncia contra o racismo estrutural, valorizando saberes decoloniais e memórias ancestrais. Surgido nos EUA nos anos 1980 como reação à elitização da poesia, chega ao Brasil em 2008 com a proposta de ocupar espaços públicos com vozes silenciadas, performando realidades sociais marcadas por opressões históricas. Essas batalhas poéticas são práticas educativas que tensionam a linguagem acadêmica e eurocêntrica, ao mesmo tempo em que fortalecem subjetividades negras e periféricas. Inspirado por autores como Freire, Bell Hooks e Abdias do Nascimento, o slam se torna quilombo contemporâneo: espaço simbólico de resistência, pertencimento e criação coletiva. Em experiências realizadas em escolas públicas de São Gonçalo (RJ), percebeu-se que, mais do que disputar versos, os estudantes criam vínculos com suas histórias e territórios, encontrando na poesia falada uma forma de cura, expressão e empoderamento.

Considerações Finais

Os movimentos sociais, ao longo da história, têm sido agentes fundamentais de transformação sociopolítica, educacional e cultural no Brasil, especialmente ao darem voz às populações marginalizadas. Entre eles, destaca-se o Slam de poesia, expressão artística das juventudes periféricas que, ao ocupar o espaço público e escolar, propõe uma educação antirracista, afetiva e plural. Essa prática, além de denunciar desigualdades raciais e sociais, atua como ferramenta pedagógica de resistência, identidade e cura, conectando saberes populares à formação crítica dos sujeitos. Incorporar o Slam nas escolas é legitimar os territórios periféricos como espaços de saber, reinventando a educação a partir das margens e das vozes silenciadas.

Referências Bibliográficas

ARROYO, Miguel. Os movimentos sociais reeducam a educação. In: ALVARENGA, M. S.; ALENTEJANO, P.; EMERSON, R. (Orgs.). *Educação popular, movimentos sociais e formação de professores: diálogos entre experiências brasileiras*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012. p. 29-45.



**I Seminário Nacional Infância,
Juventude e os Direitos Humanos no Brasil**
Niterói (RJ, Brasil), 10 a 12 de setembro de 2025

BRITO, Maria da Conceição Evaristo de. *Poemas malungos: cânticos irmãos*. 2011. 172 f. Tese (Doutorado em Literatura Comparada) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Letras, Niterói, 2011.

BRUTSCHER, Volmir José; SILVA, Eliane Maria da; OLIVEIRA, Karolliny Emanuely Souza de. A importância dos movimentos sociais para a formação de uma sociedade mais democrática. In: CONEDU – Congresso Nacional de Educação, 2021. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/educacao/detalhes/anais-vii-conedu---educacao-online>. Acesso em: 29 jun. 2025.

DE SOUZA SOUTO, Stéfane Silva. Aquilombar-se: insurgências negras na gestão cultural contemporânea. *Metamorfose*, v. 4, n. 4, 2020.

EVARISTO, Conceição. Literatura negra: uma voz quilombola na literatura brasileira. In: PEREIRA, Edmilson de Almeida (Org.). *Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica*. Belo Horizonte: Mazza, 2010. p. 132-142.

GOHN, Maria da Glória. Movimentos sociais na contemporaneidade. *Revista Brasileira de Educação*, v. 16, n. 47, p. 333-352, maio/ago. 2011.

HOOKS, bell. Linguagem: ensinar novas paisagens/novas linguagens. *Revista Estudos Feministas*, New York, 2008. Disponível em: [link incompleto]. Acesso em: 22 mar. 2025.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. História oral: a interlocução necessária com Daphne Patai. *Oralidades*, ano 5, n. 10, jul./dez. 2011.

NASCIMENTO, Abdias do. *O quilombismo: documentos de uma militância pan-africanista*. Petrópolis: Vozes, 1980.

SOMERS-WILLET, Susan. *The cultural politics of slam poetry*. Chicago: University Press, 2009. Apud: FREITAS, João. *A poesia marginal no Brasil: história e resistência*. São Paulo: Editora X, 2019. p. 95.